

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS LAGO DA PEDRA
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS
LITERATURAS

**A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA NA OBRA CARTAS DE UM DIABO A SEU
APRENDIZ DE C. S. LEWIS**

DANIEL LIMA DA CONCEIÇÃO

LAGO DA PEDRA - MA

2024

DANIEL LIMA DA CONCEIÇÃO

**A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA NA OBRA CARTAS DE UM DIABO A SEU
APRENDIZ DE C. S. LEWIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da UEMA, Campus Lago da Pedra, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. João Vitor Cunha Lopes

LAGO DA PEDRA - MA

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Conceição, Daniel Lima da

A Intertextualidade bíblica na obra cartas de um diabo ao seu aprendiz de C. S. Lewis / Daniel Lima da Conceição. – Lago da Pedra, MA, 2024.
45 f

TCC (Graduação em Licenciatura em língua portuguesa e literaturas da língua portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Lago da Pedra, 2024.

Orientador: Prof. Me. João Vitor Cunha Lopes.

1.Linguística textual. 2.Intertextualidade Bíblica. 3.Cartas de um diabo ao seu aprendiz. I.Título.

CDU:27-276

DANIEL LIMA DA CONCEIÇÃO

**A INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA NA OBRA CARTAS DE UM DIABO A SEU
APRENDIZ DE C. S. LEWIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da UEMA, Campus Lago da Pedra, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em: 09 / 08 / 2024 .

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. João Vitor Cunha Lopes (Orientador)

Universidade Estadual do Maranhão



Prof. Dr. Waldemberg Araújo Bessa

Universidade Estadual do Maranhão



Prof. Me. Deyse Gabriely Machado Brito

Universidade Estadual do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão primeiramente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, por me conceder ânimo, ousadia, saúde e oportunidades ao longo desta jornada que, com bondade divina, pude iniciar e concluir. Sou imensamente grato pelos inúmeros livramentos e pela constante presença de Sua mão guiando e protegendo meus passos.

Agradeço à minha amada esposa, Cida Melo, que me acompanhou de perto nessa jornada desde o primeiro momento em que nos conhecemos. Sempre me apoiando e incentivando a continuar, ela me proporcionou apoio emocional e cuidou de mim com grande zelo. Ela é a razão de muitos dos meus sonhos.

Ao meu querido pai, José da Conceição, sinto um imenso orgulho e gratidão por tê-lo como pai. Ele foi um verdadeiro instrumento de Deus em minha vida, especialmente no apoio à minha formação acadêmica. Sempre me motivou a seguir em frente nos momentos de dúvida e ofereceu suporte financeiro essencial para minha conquista.

A meu amor de mãe, Edilene de Souza Lima Conceição, que, com seu imenso carinho, me acompanhou de perto ao longo desta jornada, sempre fazendo o melhor para garantir meu bem-estar. Nunca esquecerei as inúmeras mensagens que recebia em meu celular ao chegar na universidade, perguntando se eu havia chegado bem.

Ao meu excelente e admirável orientador, Prof. Me. João Vitor Cunha Lopes, por compartilhar sua paciência, tempo, inteligência e experiência. Sou grato pelas sugestões de temática e pelos materiais bibliográficos fornecidos, e por tudo que fez para contribuir para meu sucesso.

Meu agradecimento a Universidade Estadual do Maranhão, campus de Lago da Pedra; ao meu primeiro diretor do curso de Letras, Erisvam Silva e ao segundo, José Haroldo, que sempre me incentivaram quando precisei; e às professoras e professores que generosamente compartilharam seu conhecimento comigo.

Sou grato a cada um dos colegas que estiveram comigo nesta jornada. Seu incentivo, seja por palavras ou pelo exemplo, foi uma fonte constante de motivação e aprendizado. Agradeço por ter conhecido cada um de vocês e por compartilharmos juntos esta experiência inesquecível.

A oração não é um pódio de exibicionismo, onde os homens podem fingirem ser os melhores na arte de buscar a Deus. Ela não se limita à necessidade de cumprir uma tabela ritualística; é o meio pelo qual o homem, por intermédio da genuína fé, demonstra dependência de Deus. A oração permite mergulhar em uma água refrescante que conduz à plenitude da graça, desprezando e abandonando os enganos de uma consciência limitada.

Daniel Lima

RESUMO

O presente trabalho investiga como a intertextualidade bíblica é utilizada para enriquecer a mensagem e a experiência literária. Através da pesquisa bibliográfica, foram reunidos estudos sobre linguística e produção textual, embasados em autores como Marcuschi (2008) e Koch (2015), entre outros estudiosos que contribuíram para o embasamento teórico. O trabalho vai investigar como acontece essa intertextualidade na obra *Cartas de um diabo ao seu aprendiz* de C.S. Lewis (1941), fazendo uma análise minuciosa da obra, identificando trechos que fazem referência ao Novo Testamento, principalmente a Mateus, Lucas, João, Romanos, Gálatas, Efésios, 2 Coríntios, 1 Timóteo, Hebreus, Tiago, 1 João, Apocalipse.

Palavras-Chave: Linguística textual; Intertextualidade Bíblica; Cartas de um diabo ao seu aprendiz

ABSTRACT

This work investigates how biblical intertextuality is used to enrich the message and the literary experience. Through bibliographical research, studies on linguistics and textual production were gathered, based on authors such as Marcuschi (2008) and Koch (2015), among other scholars who contributed to the theoretical basis. The work will investigate how this intertextuality happens in the work *Letters from a Devil to His Apprentice* by C.S. Lewis (1941), carrying out a thorough analysis of the work, identifying the passages which make reference to the New Testament, mainly Matthew, Luke, John, Romans, Galatians, Ephesians, 2 Corinthians, 1 Timothy, Hebrews, James, 1 John, Revelation.

Keywords: Textual linguistics; Biblical Intertextuality; Letters from a devil to his apprentice

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 A linguística do texto e a intertextualidade	12
2.2 Estudos sobre a intertextualidade nas obras de C. S. Lewis	21
3 METODOLOGIA	24
4 ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE NA OBRA CARTAS DE UM DIABO A SEU APRENDIZ	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a importância da intertextualidade bíblica em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, de C. S. Lewis. Por se tratar de uma obra de grande influência na literatura cristã do século XX, percebe-se a necessidade de uma análise detalhada dessa intertextualidade, visando enriquecer a compreensão da estrutura narrativa, bem como das estratégias linguísticas e estilísticas empregadas pelo autor.

A investigação da intertextualidade bíblica utilizada na obra enriquece sua mensagem e experiência literária, por meio da identificação de passagens do Novo Testamento, principalmente de Mateus, Lucas, João, Romanos, Gálatas, Efésios, 2 Coríntios, 1 Timóteo, Hebreus, Tiago, 1 João e Apocalipse, que foram referenciadas ou reinterpretadas. O estudo também analisa o uso de elementos intertextuais bíblicos na obra, além de examinar as estratégias de tentação e corrupção à luz das narrativas bíblicas sobre pecado e tentação.

A intertextualidade é uma técnica utilizada por autores na construção de suas obras, estabelecendo conexões significativas entre diversos textos e criando, assim, obras enriquecidas por camadas adicionais de significado. Um dos métodos para essa reestruturação é a incorporação de textos ou fragmentos, que, ao serem inseridos em uma nova obra, geram um texto com manifestações explícitas ou implícitas de outros textos. Como explica Barthes:

O texto redistribui a língua (é o campo dessa redistribuição). Um dos caminhos dessa desconstrução-reconstrução é permutar textos, retalhos de textos que existiram ou existem em torno do texto considerado e finalmente nele: todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, com formas mais ou menos reconhecíveis (Barthes, 2004, p. 275).

Percebe-se que a intertextualidade é uma ferramenta linguística amplamente reconhecida na produção textual, permitindo aos escritores explorar temas diversos, como religiosos, éticos e filosóficos, através de referências e reinterpretações, especialmente relacionadas às Escrituras Sagradas. O uso dessa ferramenta intertextual, nesse contexto, pode ser observado na obra *Paraíso Perdido*, escrita por John Milton no século XVII. Partindo dessa premissa, o presente trabalho propõe investigar a intertextualidade bíblica na obra *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, do renomado autor cristão C. S. Lewis.

A análise da intertextualidade bíblica na obra *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, de C. S. Lewis, revela-se de grande importância, destacando-se pela sua influência significativa na literatura cristã do século XX. Amplamente apreciada tanto por leitores religiosos quanto seculares, a obra é reconhecida como uma obra-prima de ironia, capaz de cativar leitores de diversas faixas etárias, desde adolescentes até adultos (Ferraz; Marin; Novaresi, 2013, p. 17).

Dado o interesse significativo dos leitores pela obra, é crucial compreender como Lewis habilmente incorpora elementos bíblicos em sua narrativa, permitindo uma apreciação mais profunda de sua visão de mundo. Isso evidencia a habilidade do autor em entrelaçar temas universais, além de oferecer uma perspectiva única e crítica sobre a condição humana.

A intertextualidade bíblica, por sua vez, é uma característica marcante da literatura ocidental, especialmente em obras que abordam temas religiosos e éticos. Estudar como Lewis dialoga com as Escrituras Sagradas em *Cartas de um diabo a seu aprendiz* permite enriquecer nossa compreensão tanto da obra em si quanto do uso da Bíblia como literatura religiosa na contemporaneidade.

A análise detalhada dessa intertextualidade não apenas amplia nossa compreensão da estrutura narrativa da obra, mas também ilumina as estratégias linguísticas e estilísticas empregadas pelo autor. A adaptação de linguagem e imagens bíblicas feita por Lewis vai além de um mero exercício de criatividade literária, configurando-se como uma exploração de como a linguagem pode ser moldada para transmitir significados e evocar respostas emocionais e intelectuais nos leitores.

A obra de C. S. Lewis, publicada em 1942, apresenta uma estrutura epistolar única, composta por uma série de cartas fictícias escritas por Screwtape (Maldonado), um demônio experiente, para seu sobrinho Wormwood (Vermelindo), um aprendiz diabólico. Ao longo das cartas, Screwtape orienta seu sobrinho de maneira astuta sobre como corromper a alma de um homem britânico comum, identificado na obra como "paciente", oferecendo percepções profundas sobre a natureza do pecado, a tentação e a luta espiritual.

Por trás da trama intrigante e do estilo satírico, *Cartas de um diabo a seu aprendiz* é repleto de referências e alusões bíblicas que desempenham um papel crucial na construção temática e na complexidade narrativa da obra. Diante dessa estrutura, obteve-se a problemática que orientou esse trabalho: de que maneira C. S.

Lewis utiliza a intertextualidade bíblica para enriquecer a mensagem e a experiência literária em *Cartas de um diabo a seu aprendiz*

Partindo dessa questão e buscando respondê-la, foram explorados os aspectos da intertextualidade bíblica presentes na obra, desde a caracterização dos personagens até a construção de temas centrais como tentação, redenção e a natureza humana. Ao investigar esses elementos, houve uma compreensão mais rica e detalhada da obra de Lewis sob a perspectiva da intertextualidade.

De modo geral, este trabalho investigou como a intertextualidade bíblica na *Cartas de um diabo a seu aprendiz* é utilizada para enriquecer a mensagem e a experiência literária da obra. Para alcançar o objetivo geral, estipularam-se os seguintes objetivos específicos: (i) identificar as passagens bíblicas referenciadas ou reinterpretadas na obra; (ii) analisar o uso de elementos intertextuais da Bíblia na obra; e (iii) examinar as estratégias de tentação e corrupção na obra à luz das narrativas bíblicas sobre tentação e pecado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A linguística do texto e a intertextualidade

A linguística do texto, doravante conhecida como LT, tem sua fixação em décadas de discussões e aperfeiçoamento. Surgida em meados dos anos 60 do século XX, a LT se dedica tanto à produção quanto à compreensão de textos orais e escritos (Marcuschi, 2008, p. 73). Em outras palavras, ela atua investigando os textos em sua totalidade, analisando falas e escritas, como essenciais para a comunicação.

Na fase inicial da Linguística Textual (LT), o principal objetivo era criar uma gramática transfrástica, baseada na convicção de que as teorias linguísticas tradicionais não conseguiam explicar certos fenômenos presentes no texto. Esses fenômenos, conhecidos como "relações interfrásticas", demonstravam que algumas propriedades linguísticas de uma frase só podiam ser compreendidas em relação a outra frase. Isso exigia uma teoria que fosse além da análise de frases isoladas. Somente assim seria possível explicar fenômenos como anáfora, propriedades textuais dos artigos, elipse e repetição (Marcuschi, 2008, p. 73).

Na segunda fase, a discussão se concentra na gramática de texto, influenciada pela abordagem gerativista. As gramáticas de texto visam definir o que é um texto e seus constituintes, estabelecendo critérios para diferenciar textos de não textos e categorizando diferentes tipos de textos. Como resultado, as competências linguísticas, tradicionalmente associadas ao gerativismo, são aplicadas ao nível textual, capacitando o falante a distinguir, criar e parafrasear textos. Para Marcuschi:

Essa noção supunha que seria possível identificar um conjunto de regras de "boa formação textual". No entanto, sabe-se que isso é impossível, pois o texto não é uma unidade formal que pode ser definida e determinada por um conjunto de propriedades puramente composicionais e intrínsecas. Também não é possível definir um conjunto de regras formais que possam gerar textos adequados (Marcuschi, 2008, p. 73).

Na década de 1980 a teoria textual conquistou seu espaço, haja vista que os estudos que acontecera até então, não era satisfatório para o estudo da linguística quanto a sua textualidade, era perceptível a lacuna que os teóricos incansavelmente buscavam sanar, então "ganham corpo as Teorias do Texto [...]", conforme ressalta Koch (2010, p. 06).

Com esse conhecimento, a teoria da linguística se expande, mudando completamente a forma de olhar para o texto e entendê-lo, o que antes não passava do estudo da frase, com esses avanços no campo teórico, passou a estudar o texto numa perspectiva interacional, e “interdisciplinar, visto que lança olhares para uma gama de fatores linguísticos, como o pragmático, o semântico, o lexical, o gramatical, ou seja, fatores que complementam a estrutura e funcionalidade do objeto de estudo dessa corrente linguística” (Rocha; Silva, 2017, p. 27-28). Em completo destaca que:

São vários os aspectos multiculturais que configuram um texto, pois o falante aciona uma complexa rede de fatores ao produzi-lo de forma escrita ou falada. As questões sociais, cognitivas e interacionais fazem com que os estudos da LT transformem o texto em um canal estruturado da seguinte forma: processo/ação/ interação. Isso faz com que a LT represente um marco nas novas vertentes da linguística moderna (Rocha; Silva, 2017, p. 28).

Para Rocha; Silva (2017, p. 28), “É incabível abordar essa área de estudos e não mencionarmos o nome de Luiz Antônio Marcuschi, considerando que esse autor, ao lado de Ingedore Koch, deu o pontapé inicial nos estudos nessa área linguística, aqui no Brasil”. Para Rocha; Silva (2017, p. 8), Koch (2012, p. 26), tem a LT como “a descrição da correlação entre a produção, a constituição e a recepção de textos”.

Já Marcuschi, tem a corrente linguística como prestação de “um serviço fundamental na elaboração de exercícios e na formação da capacidade hermenêutica do leitor, ao lhe dar o instrumento que o capacita para a compreensão de textos” (Marcuschi, 2012, p. 33 *apud* Rocha; Silva, 2017, p. 28). Para que aconteça a compreensão de um texto é necessário ser um bom texto. Em relação à produção de bom texto, é considerável que:

Para produzir um bom texto, portanto, é importante saber utilizar os critérios de textualidade [...] Ele não é um amontoado de palavras, portanto precisa se adequar ao sistema, pois a sequenciação é primordial, entendendo que as partes de um todo semântico devem estar interligadas por vários critérios de textualidade (Rocha; Silva, 2017, p. 29,32).

O texto não se constrói sem um planejamento adequado, é exigido critérios textuais para que ele alcance os seus objetivos pelo que é produzido. Os principais critérios são: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade (Marcuschi, 2008). Tais critérios são fundamentais para compreender um determinado texto,

“[...] sendo a coesão e a coerência (relacionados aos conhecimentos linguísticos) e os outros critérios, como a aceitabilidade, a informatividade, a

situacionalidade, a intertextualidade e a intencionalidade, relacionados ao conhecimento de mundo e à contextualização” (Santos, 2013, p. 85 *apud* Rocha; Silva, 2017, p. 35).

A coesão de um texto é um mecanismo linguístico que faz a conexão coerente entre as diversas partes do texto, garantindo sua unidade, “[...] produzida por uma escolha correta de operadores textuais; ela funciona como um conector entre frases e parágrafos e tem como função agir, juntamente com a coerência, para dar um sentido amplo ao texto” (Rocha; Silva, 2017, p. 35). Quanto ao conceito, Koch ressalta:

Podemos conceituar a coesão como o fenómeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos (Koch, 2003, p. 45).

A coesão desempenha uma função indispensável no texto, criando uma estrutura firme entre frases e parágrafos, proporcionando beleza na escrita e garantindo uma estrutura textual harmônica e fluida. Segundo Marcuschi, a coesão é justamente a parte da linguística textual que determina um subconjunto importante dos requisitos de sequencialidade textual (2008, p. 100). Pois são os mecanismos formais da linguagem que possibilitam a criação de conexões de significado entre os diversos componentes linguísticos do texto (Marcuschi, 1983, *apud* Koch, 2003, p. 46).

A utilização adequada de elementos coesivos aumenta a clareza do texto, destacando as relações entre os diferentes componentes linguísticos e cria um vínculo coesivo essencial (Santos, 2013, p. 93 *apud* Rocha; Silva, 2017, p. 36). É observável que “o segredo da coesão textual está na habilidade de 'costurar' ou tecer as sequências tipológicas como uma base estrutural, formando uma malha infraestrutural do texto” (Marcuschi 2005, p. 27 *apud* Rocha; Silva, 2017, p. 36).

A coesão trabalha no desenvolvimento do texto com argumento ordenado, por meio de subáreas essenciais para a elaboração textual, como: coesão lexical, referência, substituição, conjunção e elisão. Esses mecanismos linguístico-gramaticais promovem uma produção textual coerente e coesa, além de evitar repetições desnecessárias (Rocha; Silva, 2017, p. 36).

Quanto à coerência, trata sobre a lógica e consistência interna do texto, que faz com que suas ideias sejam compreensíveis e façam sentido como um todo. “Diz-se que um texto é coerente quando há unidade de sentido entre as partes que o

constituem. A base da coerência está centrada na continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões do texto” (Santos, 2013, p. 93-94 *apud* Rocha; Silva, 2017, p. 38).

Quando se trata dessa ferramenta, Marcuschi afirma que “a coerência subsume os procedimentos pelos quais os elementos do conhecimento são ativados, tais como a conexão conceitual” (Beaugrande, 1980, p. 19, *apud* Marcuschi, 2008, p. 119). Além disso, Marcuschi (2008, p. 119) considera essa coerência como uma análise do esforço para manter a continuidade da experiência humana. Essa visão é corroborada por Koch (2003, p. 52), que destaca que “a coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”.

Na produção textual a coerência é essencial, tendo partição impensável, por garantir o entendimento completo da leitura por parte do receptor, assegurando que as ideias e argumentos sejam apresentados de maneira lógica e consistente, permitindo que o leitor compreenda a mensagem de forma clara e organizada. Sem dúvida, a coerência é crucial para manter um fluxo lógico e compreensível, tanto em textos escritos quanto na fala. “Portanto, para haver coerência é preciso que haja a possibilidade de estabelecer no texto alguma forma de unidade ou relação entre seus elementos” (Koch, 2014, p. 22 *apud* Rocha; Silva, 2017, p. 38).

Na visão de Rocha; Silva (2017, p. 38), a coerência é importante para transmitir um sentido claro e conectar os enunciados (frases e ideias) de maneira ordenada e significativa, permitindo ao leitor uma leitura compreensível. Para alcançar esse objetivo, é necessário expor ideias conectadas, evitando meras repetições durante a produção. Cada nova ideia deve se ligar à anterior, ao mesmo tempo, em que novos conteúdos são introduzidos, garantindo uma progressão lógica e fluida do texto.

Para a produção textual, é necessário o critério de coerência, que possibilita a compreensão entre o escritor e o leitor, atingindo por esse meio uma comunicação eficaz. O sucesso da produção textual não se limita a elaboração, mas pela compreensão que o leitor tem da mensagem transmitida. Para que isso aconteça, é necessário que ambas as partes possuam conhecimento linguístico adequado. Conforme descrito por Rocha e Silva:

Para produzir ou interpretar um texto coerente, são necessários três tipos de conhecimento: o conhecimento enciclopédico (ou memória semântica), que organiza os conhecimentos e situações do mundo real, estabelecendo relações

lógicas; o conhecimento linguístico, que abrange tanto o lexical quanto o gramatical, fornecendo suporte à estrutura superficial do texto, ou seja, à linearidade sequencial e referencial da produção textual (Rocha; Silva, 2017, p. 39).

A criação de um texto coerente e coeso exige não apenas domínio técnico da língua, como gramática e vocabulário, mas também uma compreensão profunda do contexto e do público-alvo. É essencial que esses requisitos sejam atendidos para garantir a aproximação entre o escritor e o leitor; caso contrário, o texto pode não alcançar seu objetivo de forma eficaz (Rocha; Silva, 2017, p. 39).

Para que o objetivo do autor seja alcançado, a intencionalidade não pode ser desconsiderada. Esse critério é fundamental, pois revela a intenção final da produção e orienta o leitor sobre o que o texto e o autor pretendem abordar ao longo de todo o enunciado. “Com base na intencionalidade, costuma-se dizer que um ato de fala, um enunciado, um texto são produzidos com um objetivo, uma finalidade que deve ser captada pelo leitor” (Marcuschi, 2008, p. 127). Conforme exposto por Koch e Travaglia:

Como vimos, o produtor de um texto tem, necessariamente, determinados objetivos ou propósitos, que vão desde a simples intenção de estabelecer ou manter o contato com o receptor até a de levá-lo a partilhar de suas opiniões ou a agir ou comportar-se de determinada maneira. Assim, a intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados (Koch; Travaglia, 2015, p. 97 *apud* Rocha; Silva, 2017, p. 40).

O autor tem intencionalidade como produtor do texto, em construir uma comunicação eficiente, proporcionando um discurso tanto coerente quanto coeso e, assim, satisfazer os objetivos de ambos os interlocutores (Marcuschi, 2008). Como afirma Rocha; Silva (2017, p. 39), “Considera-se a intenção do autor como um fator relevante para a textualização, pois nenhum texto é inocente, pois têm uma intenção. Um texto é produzido com uma finalidade que deve ser compreendida pelo leitor”.

A intencionalidade é o fio conduto da argumentação, sem a qual não é alcançada o destinatário, sendo que “não existem textos neutros, pois há sempre uma intenção por trás do dito. Nesse sentido, há uma argumentatividade, a fim de persuadir, convencer e criar um mundo com as próprias crenças, convicções, etc.” (Rocha; Silva, 2017, p. 40). Assim, a intencionalidade está relacionada à finalidade comunicativa e ao propósito do texto, que orientam a escolha dos elementos linguísticos, permitindo ao produtor informar, persuadir, entreter ou instruir.

A intencionalidade do produtor precisa ter a aceitabilidade do leitor ou ouvinte, acontecendo a recepção por parte do leitor. Consoante aos estudos de Koch (2003, p. 20), “A aceitabilidade, refere-se à atitude cooperativa dos interlocutores, ao concordarem em ‘jogar o jogo’, de acordo com as regras e encaram, em princípio, a contribuição do parceiro como coerente e adequada à realização dos objetivos visados”. Marcuschi reafirma esse argumento, ao pontuar que “a aceitabilidade, enquanto critério de textualidade, parece ligar-se às noções pragmáticas e ter uma estreita interação com a intencionalidade [...]” (2008, p. 128).

A produção intencional tem o seu êxito quando é aceitável pelo receptor, ocorrendo quando atendida às expectativas e percebido como relevante, claro e apropriado ao contexto. Partindo dessa compreensão, ao produzir um determinado texto é relevante considerar para quem está sendo escrito o conteúdo, pois a aceitabilidade depende do conhecimento prévio e das expectativas do público-alvo. Para Koch; Travaglia,

A aceitabilidade constitui a contraparte da intencionalidade. Já disse que, segundo o Princípio Cooperativo de Grice, o postulado básico que rege a comunicação humana é o da cooperação, isto é, quando duas pessoas interagem por meio da linguagem, elas se esforçam por fazer-se compreender e procuram calcular o sentido do texto do(s) interlocutor(es), partindo das pistas que ele contém e ativando seu conhecimento de mundo, da situação, etc. (Koch, Travaglia, 2015, p. 98, apud Rocha; Silva, 2017, p. 42).

A aceitabilidade tem o seu ponto de partida no receptor, é o leitor que usará critérios, como coerência e coesão, utilizado no texto, o que sendo aprovado, o levará a aceitar o texto produzido e, conseqüentemente, ampliar os seus conhecimentos (Rocha; Silva, 2017, p. 42). Marcuschi sustenta esse critério ao afirmar que “[...] a aceitabilidade diz respeito à atitude do receptor do texto (é um critério centrado no alocutário), que recebe o texto como uma configuração aceitável, tendo-o como coerente e coeso, ou seja, interpelável e significativo” (Marcuschi, 2008, p. 127 – 128).

Para que um texto tenha sentido e não corra o risco de passar despercebido ou parecer insignificante, é importante que ele esteja relacionado ao contexto situacional em que é utilizado. A situacionalidade permite o receptor compreender a intenção do emissor, garantindo uma correspondência adequada entre a leitura ou a conversa e seu propósito. Conforme exposto por Marcuschi “[...] a situacionalidade é uma forma particular de o texto se adequar tanto a seus contextos como a seus usuários. Se um texto não cumprir os requisitos de situacionalidade, não poderá se

‘ancorar’ em contextos de interpretação possíveis, o que o torna pouco proveitoso” (Marcuschi, 2008, p. 129). Para Rocha; Silva (2017, p. 40):

A situacionalidade é justamente a adequação da manifestação linguística a uma situação comunicativa do texto e está relacionada ao contexto, sempre se referindo ao fato de relacionar o evento textual à situação comunicativa. A situação ajuda a direcionar o sentido do discurso, tanto em sua produção como também em seu entendimento. Essa situação comunicativa interfere diretamente na produção do texto.

Percebe-se, que o critério fundamental para que um texto seja adequado na comunicação é contexto de produção e recepção. Isso envolve a construção de um texto que seja coerente a situação, de modo que o leitor consiga seguir e entender a mensagem com clareza (Rocha; Silva, 2017, p. 41). Segundo Marcuschi (2008, p.128), “a situacionalidade não só serve para interpretar e relacionar o texto ao seu contexto interpretativo, mas também para orientar a própria produção. A situacionalidade é um critério estratégico”. Quanto a esse critério é elucidado:

Ela parte do texto para a situação e da situação para o texto. Na primeira, o produtor cria, a partir do texto, um mundo que não é uma cópia do mundo real, mas crenças, convicções, que o produtor tem do mundo criado por ele mesmo a partir do texto. A segunda concepção, por sua vez, parte do contexto de produção para a situação comunicativa, isto é, do contexto sociocultural no momento de determinada produção (Rocha; Silva, 2017, p. 41).

A comunicação acontece de forma satisfatória na adequação ao contexto situacional específico, o que inclui fatores como o contexto físico, social e cultural que influenciam tanto a produção quanto a interpretação do texto. Conforme descrito por Marcuschi ao ressaltar que “o critério da situacionalidade refere-se ao fato de relacionarmos o evento textual à situação (social, cultural, ambiente, etc.) em que ele ocorre (Marcuschi, 2008, p. 128).

Todo leitor, ao se debruçar sobre um texto, busca adquirir informações sobre determinado assunto para enriquecer seu conhecimento. Nesse processo, a informatividade desempenha a responsabilidade de apresentar as informações contidas no texto, que muitas vezes são novidades. Por outro lado, segundo Rocha; Silva (2017, p. 41), quando um texto é produzido, traz em sua essência a intenção de ser lido e compreendido pelo receptor. Portanto, a nova informação precisa estar inserida em contextos acessíveis para o leitor. Rocha e Silva complementa a esse respeito:

No mais, o critério da informatividade faz com que o texto se torne coerente no desenvolvimento dos tópicos referentes ao conteúdo. Temos, no entanto, que

tomar bastante cuidado, pois o conhecimento sobre os temas a serem abordados precisam ser aprofundados (Rocha; Silva, 2017, p. 41).

Embora o tema precise ser aprofundado, a muita informação pode sobrecarregar o leitor, por isso “é importante que o texto trate de informações que tragam novidades, mas que sejam compreensíveis” (Rocha; Silva, 2017, p. 41). quanto a essa questão Marcuschi declara que “a rigor, a informatividade diz respeito ao grau de expectativa ou falta de expectativa, de conhecimento ou desconhecimento e mesmo incerteza do texto oferecido” (2008, p. 132).

Para que o leitor tenha atração pela produção textual, precisa que a informatividade possibilita novas e conhecidas informações, mantendo o interesse e a compreensão do leitor. A informatividade tem o dever de se colocar para que aconteça o engajamento da parte do receptor, por meio da sua organização na exposição do conhecimento. Como exposto,

É a informatividade, portanto, que vai determinar a seleção e o arranjo das alternativas de distribuição da informação no texto, de modo que o receptor possa calcular-lhe o sentido com maior ou menor facilidade, dependendo da intenção do produtor de construir um texto mais ou menos hermético, mais ou menos polissêmico, o que está, evidentemente, na dependência da situação comunicativa e do tipo de texto a ser produzido (Koch; Travaglia, 2015, p. 88, apud Rocha; Silva, 2017, p. 41).

Portanto, a informatividade tem a sua importância na produção textual, construído coerentemente o texto e sendo um critério importante na sua interpretação, por ser incumbida na textualidade de carregar informação do produtor do tópico discursivo e do que trata determinada produção, tornando o conhecimento acessível ao leitor.

Quanto a intertextualidade, Julia Kristeva na década de 1960, o classificou como um diálogo referente entre textos, sendo um determinado texto influenciado ou remete a outro. Segundo ponto de vista teórico, “todo texto se constrói como um mosaico de citações; todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (Kristeva, 2012, p. 142). Nesse contexto, contribuindo significativamente para a compreensão da intertextualidade afirma Barthes:

O texto redistribui a língua (é o campo dessa redistribuição). Um dos caminhos dessa desconstrução-reconstrução é permutar textos, retalhos de textos que existiram ou existem em torno do texto considerado e finalmente nele: todo texto é um intertexto, outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, com formas mais ou menos reconhecíveis. (Barthes, 2004, p. 275).

A afirmação destaca a natureza dinâmica e reconstruída dos textos, argumentando que a intertextualidade é uma maneira pela qual os textos se renovam e se transformam ao incorporar elementos de outros textos. A “redistribuição da língua” acontece quando fragmentos de outros textos são incorporados na produção de novos textos, ocasionando diálogo entre múltiplas fontes e contextos. Assim, o texto literário não é uma entidade isolada, mas um ponto de convergência de diversas influências e referências, que coexistem em diferentes níveis e formas de reconhecimento.

Complementando essa visão, o Dicionário de Análise do Discurso define a intertextualidade como uma "propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos" (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p. 288). Isso reforça a ideia de que a intertextualidade é uma característica inerente a todos os textos, implicando uma rede complexa de relações e influências que enriquece a leitura e a interpretação.

Aprofundando a compreensão de intertextualidade, é perceptível os diferentes níveis de abordagem na construção de um texto. Em sentido restrito, a intertextualidade envolve a incorporação de elementos anteriormente estruturados dentro de um novo texto, indo além do simples uso de palavras para abarcar estruturas e conteúdos complexos (Jenny, 1979, p. 14 *apud* Koch, 2003, p. 62).

Entre os tipos de intertextualidade em sentido restrito, Koch (2003, p. 62-64), destaca quatro categorias principais: de conteúdo, explícita ou implícita, das semelhanças ou das diferenças, e com intertexto alheio, próprio ou atribuído a um enunciador genérico.

A intertextualidade de conteúdo e forma/conteúdo, ocorre quando textos de uma mesma área ou corrente de conhecimento compartilham conceitos e expressões comuns. Um exemplo típico é o uso de conceitos científicos padronizados dentro de uma disciplina. Por outro lado, a intertextualidade de forma/conteúdo aparece quando um autor imita ou parodia estilos, registros ou variedades de línguas específicas, como é o caso de textos que reproduzem a linguagem bíblica ou a de um determinado autor.

Quanto as intertextualidades explícita e implícita, a primeira é identificável quando há citação direta de um intertexto, como nas citações literais, resumos ou resenhas. Já a intertextualidade implícita se caracteriza pela ausência de citação

expressa, exigindo do leitor a recuperação do intertexto pela memória, presente em alusões, paródias e certos tipos de ironia.

Em relação a intertextualidade das semelhanças e das diferenças, a intertextualidade das semelhanças ocorre quando o texto segue a orientação argumentativa do intertexto, frequentemente para apoiá-la. Por exemplo, o uso de citações de autoridade em argumentações. Em contraste, a intertextualidade das diferenças usa o intertexto para ridicularizá-lo, questioná-lo ou subvertê-lo, como em paródias ou ironias, onde o objetivo é mostrar a improcedência do intertexto original (Sant'anna; Maingueneau, 1987).

Por fim, a intertextualidade pode ser com um intertexto alheio, próprio ou atribuído a um enunciador genérico. Alguns teóricos distinguem intertextualidade, autotextualidade e enunciação-eco. A enunciação-eco envolve provérbios ou ditos populares que ecoam enunciações anteriores do mesmo provérbio, cuja verdade é garantida pelo enunciador genérico, representando a opinião geral ou o saber comum da coletividade.

Essas manifestações da intertextualidade descritas anteriormente são fundamentais na construção da coerência textual, pois permitem que o texto se conecte a uma rede maior de significados e contextos, enriquecendo tanto a compreensão quanto a interpretação (Koch; Travaglia, 1989). Ao aplicar esses conceitos à obra *Cartas de um diabo a seu aprendiz* de C. S. Lewis, pode-se explorar como o autor utiliza essas diferentes formas de intertextualidade bíblica para enriquecer a mensagem e a experiência literária da obra.

2.2 Estudos sobre a intertextualidade nas obras de C. S. Lewis

A intertextualidade bíblica tem sido amplamente abordada no meio acadêmico, demonstrando a importante contribuição que o livro sagrado dos cristãos exerce na sociedade. Conforme afirmam Sarraff; Teixeira, "A Bíblia é um livro clássico e sagrado escrito por homens que, segundo a crença cristã, foi inspirada por Deus, e sua relevância se dá por trazer inúmeros relatos históricos, valores e princípios que se relacionam com a vida em sociedade até hoje" (2021, p. 09).

Muitos estudos de intertextualidade bíblica nas obras de C. S. Lewis têm ganhado destaque no meio acadêmico, especialmente em relação à renomada série "As Crônicas de Nárnia". Enquanto a temática, *a intertextualidade bíblica na obra*

Cartas de um diabo a seu aprendiz de C. S. Lewis, investigada nesse trabalho é pioneira na academia.

Dada a escassez de trabalhos que abordam a intertextualidade bíblica em *Cartas de um diabo a seu aprendiz* de C. S. Lewis, surge a necessidade de aproximar essa obra dos estudos já realizados sobre a intertextualidade nas demais obras de Lewis., nos quais se destacam, a dissertação de mestrado de Gonçalves (2015): *O intertexto bíblico na literatura juvenil: As Crônicas de Nárnia, De C. S. Lewis.*

Seguido pelo trabalho de conclusão de curso de Duarte (2021): *Uma leitura intertextual das Crônicas de Nárnia: Religiosidade e diálogos com a Bíblia Sagrada (2015):* o trabalho de conclusão de curso de Maria Julia e Rebecca dos Santos: *Análise da Intertextualidade Bíblica na Obra As Crônicas De Nárnia: O Leão, A Feiticeira E O Guarda-roupa.*

Além disso, é relevante mencionar o artigo da Silva; Almeida (2021): *O intertexto bíblico na literatura As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa, de Clive Staples Lewis (2022);* e o artigo de Capitani; Denicolo; Prati: *A Intertextualidade Bíblica e as Alegorias Religiosas Presentes na Obra Literária De C.S. Lewis “O Sobrinho Do Mago”: Um Olhar Sobre A Criação De Nárnia.*

Gonçalves explora a teoria da intertextualidade com base nos estudos de teóricos como Julia Kristeva, Gérard Genette e Antoine Compagnon. Seu foco é a análise de alguns livros das Crônicas de Nárnia em relação à Bíblia, especificamente comparando *O Sobrinho do Mago* com o Gênesis, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* com o início do Novo Testamento, e *A Última Batalha* com o Apocalipse. Gonçalves também examina a classificação dessas obras como voltadas para o público jovem.

Duarte (2021), com base nas obras de Júlia Kristeva, analisa textos de Bakhtin, Tânia Carvalhal e Gérard Genette, destacando pontos essenciais sobre a intertextualidade, seus enfoques, modulações, abrangências e modificações ao longo do tempo. Seu objetivo é examinar a presença da intertextualidade na obra de C.S. Lewis. Através dessa análise, percebe-se que *As Crônicas de Nárnia* apresentam inúmeras semelhanças com passagens da Bíblia Sagrada, como o personagem do Leão Aslam, que serve como alegoria de Jesus Cristo.

Sarraff; Teixeira apresentam uma análise da intertextualidade bíblica na obra *As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa.* Elas comparam elementos cristãos e religiosos do livro com passagens específicas da Bíblia Sagrada,

realizando comparações detalhadas entre trechos da obra e versículos bíblicos. Para fundamentar essa análise, utilizam as teorias de intertextualidade de estudiosos como Julia Kristeva e Gérard Genette.

O estudo de Silva; Almeida propõe um método para a interpretação de textos literários, com foco específico em *As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, de C.S. Lewis, e seu intertexto com a Bíblia Sagrada. A fundamentação teórica baseia-se nos estudos de intertextualidade, especialmente nas contribuições de Bakhtin (1992), Marcuschi (2008) e Koch (1991). A relevância deste estudo reside na possibilidade de promover um debate significativo sobre o cruzamento de superfícies textuais e diálogos entre escrituras, exemplificado pela relação entre o relato bíblico e a fantasia, ao abordar o tema do divino.

Capitani; Denicolo; Prati analisam a intertextualidade bíblica e as alegorias religiosas presentes na obra literária de C.S. Lewis, "O Sobrinho do Mago", baseando-se nas teorias de autores como Ditchfield (2003), Ford (2005), McGrath (2013), Nitrini (1997) e Orlandi (2010). O foco do estudo é a comparação entre a criação do universo fantástico de Nárnia e a origem do mundo segundo a teologia cristã, conforme descrito no livro de Gênesis.

Todos os estudos reconhecem a profunda intertextualidade entre as obras de C.S. Lewis e a Bíblia, embora variem em seus escopos e metodologias. Partindo das perspectivas desses trabalhos já produzidos sobre as obras de Lewis, o trabalho *a intertextualidade bíblica na obra cartas de um diabo a seu aprendiz de C. S. Lewis* expande a análise ao explorar estudos de linguística textual com foco específico na intertextualidade presente nesta obra.

3 METODOLOGIA

Os objetivos propostos neste estudo sobre a intertextualidade bíblica na obra *Cartas de um diabo a seu aprendiz* de C. S. Lewis foram alcançados por meio da abordagem metodológica, partindo do apanhado de pesquisas bibliográficas sobre a intertextualidade nas obras de Lewis, seguida pela análise textual da obra discutida no referente trabalho.

Partiu de uma busca por trabalhos, com objetivo de uma revisão literária, relacionada a intertextualidade bíblica nas obras de Lewis, identificando o que as teorias descobertas por análise dos estudos anteriores sobre a intertextualidade bíblica em obras de Lewis já forneciam, com o intuito de dá prosseguimento nas abordagens teóricas pertinentes a temática, embasando e contextualizando a análise.

As cartas da obra de Lewis que tiveram seus trechos analisados, foram: I, II, III, IV, V, X, XI, XII, XIII, XIV, XVI, XXI, XXVII, XXXI. Nas quais foi identificada a tentação induzida ao pecado em cada passo do paciente, desde eventos pessoais até ocasiões que envolvia terceiras pessoas, por intervenção do demônio Maldonado que tramitou estrategicamente a queda do seu alvo. Os trechos observados faziam alusões com passagens bíblicas, sendo identificados por meio da intertextualidade implícita, que exigiu um conhecimento prévio sobre a escritura cristã.

A escritura cristã referenciada por intertexto na obra de Lewis foi Bíblia, o livro sagrado do cristianismo, que segundo o protestantismo contém sessenta e seis livros, escritos entre 1500 - 1400 a.C. e 100 d.C. por cerca de 40 autores. Possuindo duas grandes partes, Velho e Novo Testamento, contendo na primeira trinta e nove livros, subdivida: o Pentateuco, os Livros Históricos, os Livros Poéticos, os Profetas Maiores, os Profetas Menores; e na segunda vinte e sete livros, subdividida: os Evangelhos, Histórico, as Epístolas e Revelação.

Foram realizadas identificações das passagens bíblicas por meio de uma análise criteriosa da obra em comparação com o livro sagrado dos cristãos, observando passagens bíblicas que foram copiladas e referenciadas ao longo da obra. As passagens apresentadas, tanto na obra quanto nos contextos originais das passagens bíblicas, guiaram a análise evidenciando a abordagem peculiar de Lewis na reinterpretação e adaptação na sua escrita literária. Nesse contexto, observa-se a relação que Lewis faz da obra com passagens bíblicas, especialmente com passagens do Novo Testamento.

Ao longo da obra é evidente a luta interna entre o bem e o mal, uma implícita intertextualidade com a passagem bíblica encontrada na epístola do apóstolo Paulo aos Romanos 7.15, onde é descrita a luta que existe dentro do homem no desejo de fazer o bem, porém com uma inclinação para o mal: “Por que não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço”. Essa luta interna é percebida quando os demônios usam dessa ferramenta para tentar o paciente, se assemelhando ao conflito entre as forças do bem e do mal, descrita pelo apóstolo Paulo.

A obra também explora a figura diabólica, que insistentemente busca uma ocasião para fazer o paciente tropeçar, o que conduz por intertexto a exortação do apóstolo Pedro, aconselhando os cristãos a serem vigilantes, pois “o vosso adversário, o diabo, anda em derredor, bramando como o leão, buscando a quem possa devorar”. Esse tema de vigilância e a astúcia do diabo é corriqueiro na obra, manifesta à medida que o paciente insiste em sua caminhada cristã e na correspondência entre Screwtape e seu aprendiz com intuito de fazer o paciente desistir de sua jornada, refletindo a imagem bíblica de Satanás.

Além disso, é perceptível a alusão ao combate espiritual em Efésios 6.10 - 18, em que o apóstolo Paulo trata com os cristãos sobre a “armadura de Deus”, advertindo a se prepararem para resistir às investidas do maligno, algo que Screwtape tenta impedir, orientando seu sobrinho a explorar a vulnerabilidade de seu paciente. A intertextualidade fica patente entre as narrativas, quando vemos na Bíblia a tentativa do diabo de desviar o cristão do caminho correto, como na obra de Lewis, na tentação para afastar o paciente da sua fé.

A análise textual se concentrou na caracterização dos personagens, nos temas abordados e na estrutura narrativa, identificando e analisando as correlações com as referências bíblicas incorporadas e reinterpretadas na obra de Lewis. Posteriormente, foi realizada uma comparação entre as passagens bíblicas identificadas e as correspondências fictícias apresentadas na obra, interpretando as implicações literárias da intertextualidade bíblica e compreendendo como essas referências contribuíram para a mensagem e o impacto da obra.

Por fim, foram sintetizados os resultados da pesquisa bibliográfica e da análise textual, na qual foi feito uso da intertextualidade explícita e implícita, resultado em descobertas por meio da análise, discutida à luz dos objetivos específicos, proporcionando uma visão sobre como a intertextualidade bíblica é utilizada para enriquecer a mensagem e a experiência literária da obra.

4 ANÁLISE DA INTERTEXTUALIDADE NA OBRA CARTAS DE UM DIABO A SEU APRENDIZ

A obra *Cartas de um diabo a seu aprendiz* de C. S. Lewis, um escritor, professor e crítico literário (Belfast, Irlanda do Norte, 29 de novembro de 1898 – Oxford, Inglaterra, 22 de novembro de 1963), “é uma ficção epistolar satírica constituída de trinta e uma cartas, publicadas na então revista semanal da Igreja da Inglaterra, *The Guardian*¹³, entre 2 de maio e 28 de novembro de 1941” (Scutari, 2020, p. 453).

Na obra o demônio experiente, Screwtape (Maldonado) escreve carta ao seu sobrinho, Wormwood (Vermelindo), um aprendiz diabólico, fornecendo instruções por meio de cartas correspondentes, maneiras astutas de como poderá corromper a alma de um homem britânico comum, que na obra é identificado como “paciente”. Screwtape levanta “questões presentes nas áreas física, mental, emocional e espiritual do ser humano para incentivar o trabalho de provocar situações que o corrompam, e provar a ineficiência do Inimigo (o deus cristão) em face de tais tentações” (Scutari, 2020, p. 454).

Fornecendo percepções profundas sobre a natureza do pecado, a tentação e a luta espiritual, “o demônio sênior conduz seu raciocínio conforme sua experiência, informações prévias e contexto do paciente, e o decorrer dos acontecimentos relatados por Vermelindo, julgando-os positivos ou negativos, aconselhando seu sobrinho e criticando aquilo que lhes pode ser útil” (Scutari, 2020, p. 454).

No decorrer das cartas, é importante ter em mente que o diabo é mentiroso e “nem tudo o que Maldonado diz deve ser tomado como verdadeiro, nem mesmo a partir do seu próprio ponto de vista” (Lewis, 2017). Em relação a esse caráter duvidoso e astuto do demônio, Jesus Cristo advertiu no evangelho segundo escreveu João, dizendo que o diabo “não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira” (João 8.44). É obvio que,

Os temas criticados na obra, como quais religião, amor e moralidade são inerentemente contraditórios, isto é, apresentam contraste entre ideal e realidade entre seus elementos, e, se explorados ironicamente, retêm a atenção do leitor devido a seu “capital emocional”; inversamente abordadas pelo demônio sênior, isto é, por meio de ironia invertida, essas áreas são tratadas de maneira desproporcional – logo, com julgamento superficialmente negativo –, e a um nível afetivo (Scutari, 2020, p. 455).

O paciente é assistido pelos demônios Maldanado e Vermelindo. A respeito dele são escritas cartas de correspondência sobre tudo que acontece, mesmo antes de se converter ao cristianismo. Na segunda carta, Maldanado demonstra estar “bastante contrariado com a notícia de que o seu paciente se tornou cristão” (Lewis, 2017, p. 15), o que evidencia que, na primeira carta, essa decisão ainda não havia ocorrido.

Na primeira carta, há um esforço por parte do Vermelindo em afastá-lo de uma possível conversão, direcionando a sua leitura e aproximando-o de um amigo materialista. Maldanado classifica como ingenuidade do seu sobrinho, ressaltando que “até parece que está achando que a argumentação seja o melhor modo de mantê-lo fora das garras do Inimigo” (Lewis, 2017, p. 12). Nesse contexto, percebe-se o uso da intertextualidade implícita de Lewis com o texto bíblico, quando Jesus Cristo foi tentado pelo diabo no deserto por meio da argumentação. Como relata em Mateus (4.1-11):

Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome; E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães. Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. Então o diabo o transportou à cidade santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo, E disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito, E tomar-te-ão nas mãos, Para que nunca tropeces com o teu pé em alguma pedra. Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás. Então o diabo o deixou; e, eis que chegaram os anjos, e o serviam.

O argumento do diabo na tentação de Jesus Cristo no deserto foi ineficiente; quanto a esse fato, Maldanado reconhece que “o problema da argumentação é que ela transporta toda a batalha para o território do Inimigo. Ele também pode argumentar [...] pelo próprio ato de argumentar, desperta-se a razão do nosso paciente” (Lewis, 2017, p. 12). A visão irônica do sênior demônio é confirmada na tentação no deserto, quando Jesus Cristo argumenta o confrontando com passagens do antigo testamento, provando que não se baseava somente no que se via.

Por conta disso, o direcionamento que Maldonado sugere ao seu sobrinho é que não pode correr o risco do paciente “ignorar o fluxo das percepções sensoriais imediatas. Sua tarefa é a de fixar a atenção dele nesse fluxo. Ensine-o a chamá-lo de ‘vida real’ e não o deixe perguntar-se o que ele quer dizer com ‘real’” (Lewis, 2017, p. 12). Essa sutil afirmação implícita contrasta com o que o apóstolo Paulo ensina, ao afirmar: “assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno” (2 Coríntios 4.18).

Na passagem, o apóstolo Paulo encoraja os cristãos a não viverem apegados às coisas materiais e temporais, mas a estarem atentos às coisas espirituais e eternas, mostrando que a verdadeira e duradoura realidade é invisível aos olhos humanos e percebida somente pela fé. Por isso, Maldonado se preocupa em manter o paciente ignorante quanto à verdade sobre a realidade da vida, querendo que ele continue indiferente e cético em relação ao que é transcendente.

Graças aos processos que colocamos em ação dentro deles há séculos, eles acham de todo impossível acreditar no desconhecido quando o que é familiar está bem diante dos seus olhos. Persista incutindo nele a banalidade das coisas. Acima de tudo, não tente usar a ciência (quero dizer, as ciências verdadeiras) como defesa contra o cristianismo. Elas vão positivamente encorajá-lo a pensar sobre as realidades que ele não pode tocar nem ver. (Lewis, 2017, p. 12).

O demônio sabe que, se o paciente chegar ao verdadeiro conhecimento do significado da vida por meio de uma investigação genuína, ele passará para o campo do Inimigo (o deus cristão). Nesse trecho, Lewis faz uso da intertextualidade implícita, pois somente com um conhecimento prévio do livro sagrado cristão é possível fazer alusão ao que Jesus Cristo disse: “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32).

Essa libertação, por meio do conhecimento da verdade pontuada por Jesus, é possível somente através da fé. A ciência, nesse trecho, é vista como alinhada a fé, evidenciando a intertextualidade de conteúdo, pois ciências fazem parte de um determinado grupo de debate, sendo muitas vezes um meio pelo qual o discurso acontece contra a visão criacionista. No entanto, Maldonado vê o perigo de despertar no paciente o desejo de refletir sobre realidades que não pode tocar nem ver.

O que o inimigo teme em relação “às realidades que ele não pode tocar nem ver” (Lewis, 2017, p. 12), a fé, tem para o cristianismo seu devido valor, sendo capaz de mudar tanto a realidade física quanto a espiritual. A fé é classificada como

“[...] a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem” (Hebreus 11:1). O que era temido pelos demônios aconteceu com o paciente. Maldonado afirma que ficou “bastante contrariado com a notícia de que o seu paciente se tornou cristão” (Lewis, 2017, p. 15).

Maldonado não se conformou com a decisão do paciente e estava determinado a fazer de tudo para impedir seu desenvolvimento diante da nova realidade de vida. Na oitava carta, é evidenciado um plano que é atualizado semanalmente (Lewis, 2017, p. 35), com diversas situações desenvolvidas para embarçar a caminhada do paciente. Planejando junto a Vermelindo, afirma que “nesse meio tempo, precisamos tirar a maior vantagem possível dessa situação” (Lewis, 2017, p. 35). Ele tem a equivocada certeza do fracasso do paciente, ao ponto de garantir:

Não há motivo para desespero; centenas desses novos convertidos adultos foram recuperados depois de uma breve estada no campo do Inimigo e agora estão conosco. Todos os hábitos do paciente, tanto mentais quanto físicos, continuam militando a nosso favor. (Lewis, 2017, p. 35).

O inimigo sabe que é possível um cristão retroceder em sua decisão, mesmo após experimentar uma nova realidade de vida por meio da fé e desfrutar de uma real alegria. A palavra que ouviu e que o levou à decisão pode ser roubada do coração diante das situações que sobrevêm. A intertextualidade implícita retratada na fala de Maldonado é descrita por Jesus Cristo em Mateus (13:20-21):

A semente que caiu em terreno pedregoso é aquela que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece por pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona.

Esse trecho faz parte da parábola do semeador, onde Jesus explica que muitos recebem a palavra de Deus com alegria, mas, por não criarem raízes profundas, são tentados a desistir diante das dificuldades. Isso está alinhado com o que a ideia que Lewis apresenta de que novos convertidos podem ser recuperados pelo inimigo depois de um breve tempo no campo do Inimigo, especialmente se não houver uma verdadeira transformação em seu caráter.

A primeira tentativa do demônio para desviar o paciente do seu alvo é fazê-lo perceber que faz parte de uma igreja composta por pessoas falhas e imperfeitas. Como novo convertido, o paciente pode se scandalizar ao perceber comportamentos que não esperava encontrar em um ambiente cristão. O demônio quer que “quando

ele se assenta no banco da igreja e olha ao redor, veja precisamente aquela turma de vizinhos que havia evitado até então” (Lewis, 2017, p. 15).

Diante da tentativa de impedir a perseverança do paciente em relação a sua caminhada, Maldonado não pensa em desistir do seu objetivo de afastá-lo da igreja e dá instrução ao seu sobrinho, dizendo: “então, trabalhe duro na decepção ou no anticlímax que certamente sobrevirá ao paciente nas suas primeiras semanas na igreja. O Inimigo permite que tal decepção ocorra no limiar de todo empreendimento humano” (Lewis, 2017, p. 16). Essa intertextualidade implícita faz alusão ironicamente ao que foi escrito pelo apóstolo Tiago:

Meus irmãos, considere isso motivo de grande alegria sempre que passarem por várias provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança. A perseverança deve ter ação completa, para que vocês sejam maduros e íntegros, sem que faltem em coisa alguma (Tiago 1:2-4).

Sobre o valor da provação, o apóstolo Paulo complementa: “e não somente isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a paciência; e a paciência, a experiência; e a experiência, a esperança” (Romanos 5:3-4). Assim, o que Maldonado afirma contrasta com a realidade bíblica, pois Deus usa as dificuldades para fortalecer a fé e produzir perseverança. Lewis pretende mostrar que, ao invés de serem motivos de decepção, essas provações são oportunidades para o crescimento e fortalecimento espiritual.

Diante das situações e provações, o paciente não desfaleceu; continuou frequentando a igreja e comungando, demonstrando estar completamente satisfeito com a congregação (Lewis, 2017, p. 45,57). Isso mostra que, apesar das dificuldades, ele foi fortalecido para continuar a jornada que iniciou. Sua perseverança não resultou de uma liberdade imposta pelo Inimigo, mas da liberdade que ele próprio escolheu, permitindo-lhe tomar decisões por si mesmo. O levou Maldonado escreve ao Vermelindo que:

O Inimigo assume esse risco porque ele tem uma fantasia curiosa de tornar todos esses repugnantes vermezinhas humanos naquilo que ele chama de seus amantes e servos “livres” — “filhos” é a palavra que usa com seu amor inveterado de degradar todo o mundo espiritual por ligações anormais com os animaizinhos bípedes. Justamente por desejar a sua liberdade, ele se recusa a conduzi-los, pelas suas meras afeições e hábitos, a quaisquer dos objetivos que colocou diante deles: ele os deixa “fazer as coisas por si mesmos” (Lewis, 2017, p. 16).

Maldonado expressa a liberdade no contexto do relacionamento entre a criatura e Deus como uma forma de degradação espiritual, sugerindo que Deus

concede ao homem a liberdade de fazer escolhas, mas exige que ele siga sua própria vontade. Em contraste, a Bíblia fala da liberdade como essencial para uma verdadeira relação com Deus. Jesus Cristo enfatiza essa liberdade, e o apóstolo Paulo reforça essa verdade em seus ensinamentos:

Se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres. (João 8:36).

Vocês, irmãos, foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à carne; antes, sirvam uns aos outros mediante o amor (Gálatas 5:13).

O Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade (2 Coríntios 3:17).

A liberdade concedida por Deus é uma expressão do amor de Deus pelo homem, desejoso que busque servi-Lo e amar uns aos outros de uma maneira livre, sem imposição. Esse procedimento o leva a uma verdadeira comunhão com Deus e com o próximo. Foi o amor e comunhão com outros que fez com que paciente continuasse na mesma congregação. Em relação a essa passagem Maldonado considera que “o paciente continua a frequentar uma igreja, e somente essa, desde que ele se converteu, e que não está completamente satisfeito com ela” (Lewis, 2017, p. 16).

Embora não estivesse bastante satisfeito com a congregação, o paciente não buscou uma segunda opção de igreja, surgindo então uma ocasião para a tentação, de maneira que Maldonado aconselha o sobrinho sobre algo que devia saber: “que, se uma pessoa não pode ser curada da frequência à igreja, o próximo passo é fazê-la percorrer toda a vizinhança à procura da igreja que mais lhe ‘agrade’, até que ele se torne um degustador ou especialista em igrejas” (Lewis, 2017, p. 57).

A tentação se agrava quando o demônio busca fazer a última tentativa para enfraquecer a perseverança do paciente em relação a vida congregacional, informando que tinha investigado próximo ao paciente duas igrejas (Lewis, 2017, p. 58). A instrução ao seu sobrinho, o demônio Vermelindo, era que conduzisse o paciente a uma daquelas igrejas, em vista que havia,

[...] um ponto favorável que ambas as igrejas têm em comum — ambas são igrejas partidárias. Penso que eu o tenha advertido anteriormente de que, se o seu paciente não puder ser mantido fora da igreja, ele deve pelo menos ser intensamente associado a algum grupo de dentro dela (Lewis, 2017, p. 58).

Lewis nos dá a entender, por meio da descrição da personagem do demônio, que, já que o paciente não deixava a igreja, o objetivo agora era fazê-lo

mudar para outras congregações, consideradas partidárias. Ao estar nesse meio, ele seria incentivado a tomar partido em divisões internas, o que seria suficiente para enfraquecê-lo. A instrução do experiente demônio ao seu sobrinho contrasta com as passagens bíblicas, que advertem contra divisões na igreja e enfatizam a unidade entre os cristãos. Sobre essa questão, o apóstolo Paulo enfatiza:

Façam todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança para a qual vocês foram chamados é uma só; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos (Efésios 4:3-6).

A passagem trata da importância da unidade dentro da igreja, evitando divisões e partidarismos, e estando unida pelo amor. O contraste com o trecho da obra de Lewis é implícito e contraditório à relação da unidade na igreja. A estratégia de Maldonado visa afastar o paciente da verdadeira igreja, algo que ele enfatizou desde o início ao afirmar que “um dos nossos grandes aliados no presente é a própria Igreja” (Lewis, 2017, p. 15).

Ele demonstra que tem noção da grandeza da igreja, que resistiu ao tempo e às intempéries, ficando evidente ao afirmar: “não estou falando da Igreja que vemos expandir-se ao longo dos tempos e do espaço, arraigada na eternidade, terrível como um exército levantando suas bandeiras (Lewis, 2017, p. 15). O que faz referência as palavras de Jesus Cristo em Mateus (16.18) “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”.

O apóstolo Paulo reafirma essa palavra nas cartas aos Efésios (3:10-11) “A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais, de acordo com o seu eterno propósito que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor”. A passagem sublinha a natureza divina, eterna e gloriosa da igreja, que é tida como a noiva de Cristo. No plano de Deus, é uma agência para revelar Sua Sabedoria e propósito eterno.

Por meio da igreja e individualmente através de cada cristão que dela faz parte, Deus revela seu amor, então o paciente precisa se esforçar, por meio do amor, a revelar o propósito eterno àqueles ao seu redor. Maldonado, sabendo dessa verdade, tenta enfraquecer o paciente desde o início, inclusive utilizando a relação do paciente com sua própria mãe. Vemos esse interesse quando ele começa a carta

dizendo que ficou “muito satisfeito com o que você me contou sobre o relacionamento desse homem com a mãe” (Lewis, 2017, p. 18).

O primeiro planejamento passado ao seu aprendiz é que “mantenha-se em contato íntimo com nosso colega Maldadiposo, que está encarregado da mãe, e construam um hábito consistente de irritação mútua, de pequenas azucrinadas diárias” (Lewis, 2017, p. 18). O objetivo é fazer com que ceda à tentação quanto a brigas e irritações entre eles, o levando primeiramente a desobedecer ao seguinte mandamento “Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa” (Efésios 6.2).

Essa artimanha em relação às contendas nos remete de maneira implícita e de modo contraditória a Efésios 4:31-32: “livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda maldade. Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdendo-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo”. A passagem incentiva a se livrar de atitudes negativas e a promover a harmonia, convidando os cristãos a um padrão mais elevado de relacionamentos, o que vai contra as artimanhas de Maldanado.

Enquanto o paciente está lutando contra as mais diversas tentações, a situação se agrava ainda mais quando Maldanado propõe ao seu sobrinho, o demônio Vermelindo, que mantenha a mente do paciente focada na vida interior. Dado que a conversão ocorreu recentemente, Maldanado observa que o paciente pensa que sua conversão veio de dentro (Lewis, 2017, p. 18). Essa investida de Maldanado o leva para um procedimento oposto, o desviando dos deveres práticos e cotidianos, o que contrasta com os princípios bíblicos que trata da “fé que atua pelo amor” (Gálatas 5:6).

A referência ressalta a importância de viver uma fé que se manifesta em ações práticas e no cuidado para com o próximo, não se atentando unicamente o que edifica a si mesmo ou lhe é pessoal. Essa insistência do demônio fica mais acirrada, quando o paciente encontra um grupo de amigos, que não contribuem para o seu crescimento como cristão, no entanto secundariamente é usado mais uma vez como tática para agravar o relacionamento entre ele e sua mãe.

Nesse meio tempo, é claro, você deverá tomar as medidas de precaução adequadas para que esse novo projeto o induza a gastar mais do que pode e a negligenciar o seu trabalho e sua mãe. A surpresa e a inveja dela, além da ambiguidade ou da brutalidade de suas reações, serão inestimáveis para o agravamento da tensão doméstica (Lewis, 2017, p. 41).

O trecho descreve uma estratégia de Maldonado, passada a Vermelindo, para criar problemas na vida cristã do paciente. A ideia é explorar a possibilidade de desviar o foco do paciente do que é moral e espiritualmente recomendável. Como cristão, o paciente é orientado a viver de maneira responsável, honrando a Deus e respeitando suas responsabilidades pessoais e familiares. A implícita referência de Lewis remete ao princípio cristão de 1 Timóteo (5.8) "Se alguém não cuida dos seus parentes, especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior do que um descrente."

O paciente não se intimidou diante da tentativa do demônio do querer tirar o seu foco do que é realmente necessário, que é cuidar da sua mãe tanto fisicamente como apresentá-la em suas orações. Quanto a esse procedimento, Maldonado frisa a sua recomendação ao Vermelindo:

Sem dúvida, é impossível evitar que ele ore pela mãe, mas temos meios de tornar essas orações inócuas. Certifique-se de que elas sejam sempre muito "espirituais", que ele sempre se preocupe com o estado da alma da mãe, e nunca com o reumatismo dela (Lewis, 2017, p. 18).

Nessa altura, a intenção do demônio era desviar a eficácia das orações do ser humano por meio de sua mãe, conduzindo-o em suas orações a um nível de espiritualidade excessivo, porém indiferente às necessidades práticas de sua mãe. Contrapondo à vontade do demônio, a Bíblia orienta: "Entre vocês não há alguém que está doente? [...] a oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará" (Tiago 5.14,15).

A referência sublinha que nas orações se apresenta todas as facetas da vida de alguém, desde as espirituais até as necessidades práticas, evitando que se torna em orações inócuas. Essa noção foi seguida pelo paciente, ele contrapôs o demônio, ao ponto de ele afirmar ao seu sobrinho: "Você poderia ter me poupado do comentário de que minhas advertências sobre as orações do humano pela mãe dele 'se provaram singularmente infelizes'" (Lewis, 2017, p. 21). Lewis nos dá a entender por meio da personagem Maldonado que a oração foi infeliz, por outro lado a oração foi proveitosa para a vida do paciente.

O novo plano satânico para impedir o paciente de se aproximar do Inimigo (deus cristão), "é manter o paciente longe de qualquer tentativa séria no sentido de qualquer tipo de oração" (Lewis, 2017, p. 21), o que fica evidente na quarta carta. Com a tática, é sugerida um tipo de oração que para um novo convertido não será eficaz,

em que somente os cristãos mais experientes foram capazes de ter êxito em tal empreitada de devoção, como:

Um de seus poetas, Coleridge, registrou certa vez que não orava “mexendo os lábios e pondo-se de joelhos”, mas simplesmente “preparava o seu espírito para amar” e se entregava a “uma atitude de súplica”. Esse é exatamente o tipo de oração que desejamos; e como carrega uma semelhança superficial com a oração silenciosa conforme praticada por aqueles que estão em nível bem avançado no serviço prestado ao Inimigo, os pacientes espertos e preguiçosos poderão ser apanhados nessa armadilha durante um período bem longo de tempo. (Lewis, 2017, p. 21).

Na obra *Cartas de um diabo ao seu aprendiz*, Lewis destaca a estratégia do demônio de influenciar orações superficiais e egoístas, que o ser humano tenta se convencer que são espirituais, quando na verdade carecem de verdadeira humildade e sinceridade. Esse modo de oração, que segundo o próprio Maldonado é agradável por contrastar com a vontade do seu ferrenho inimigo. Lewis faz uso da ferramenta intertextual implícita referenciando a instrução de Jesus Cristo em relação a oração:

Quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa. Mas quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está em secreto. Então seu Pai, que vê em secreto, o recompensará. E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem (Mateus 6.5-8).

A instrução de Jesus Cristo é enfática em relação a uma oração sincera, humilde e centrada na vontade de Deus. A oração não é um pódio de exibicionismo, onde os homens podem fingir ser os melhores na arte de buscar a Deus. Ela não se limita à necessidade de cumprir uma tabela ritualística; é o meio pelo qual o homem, por intermédio da genuína fé, demonstra dependência de Deus. A oração permite mergulhar em uma água refrescante que guia à plenitude da graça, desprezando e abandonando os enganos de uma consciência limitada. Quanto a essa realidade condira o demônio:

Os humanos não possuem aquela percepção direta dele que nós, infelizmente, não conseguimos evitar. Nunca conheceram aquela luminosidade sinistra, aquele resplendor penetrante e intenso que compõe o pano de fundo do sofrimento permanente de nossa vida. Se conseguir olhar dentro da mente do paciente enquanto ele ora, não encontrará isso” (Lewis, 2017, p. 22).

O escritor Lewis explora a diferença entre a percepção dos seres humanos e dos demônios no tocante à realidade da oração. Os demônios têm conhecimento da

santidade de Deus, que para eles é intensa e inescapável. Sabendo que os seres humanos têm dificuldade de ver essa santidade, os demônios trabalham para afastar o homem da verdadeira compreensão da natureza de Deus enquanto oram. Em contrapartida, o escritor aos Hebreus instrui: "Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam" (Hebreus 11:6).

Mesmo diante da fraqueza dos seres humanos, o Inimigo (Deus) está sempre disposto a socorrê-los, pois "o Inimigo não ficará de braços cruzados nesse meio tempo. Sempre que houver oração, haverá o perigo de sua ação imediata" (Lewis, 2017, p. 22). O demônio não tem dúvida sobre o favor de seu inimigo; o único contraste que tenta criar é levar o homem a cair no descrédito, na superficialidade e no equívoco do entendimento limitado sobre a prática da oração. Em vista da incredulidade dos seres humanos ele usa métodos sagazes.

Não esqueça de usar o argumento "cara ou coroa". Se aquilo pelo que ele está orando não acontecer, então, isso será mais uma prova de que as orações peticionais não funcionam; se acontecer, ele irá, é claro, estar em condições de ver algumas das causas físicas que levaram a isso, e, "portanto, isso teria acontecido de qualquer jeito". Assim, ambas, a oração respondida e a negada, se tornam uma prova excelente de que as orações são de fato ineficazes (Lewis, 2017, p. 92).

O papel de Vermelindo, coordenado por Maldonado, é levar o ser humano a acreditar que os acontecimentos após as orações são meros casos de sorte, quando o pedido é atendido, ou atribuídos à ação divina, quando o resultado não vem. Desmascarando esse engano, as Escrituras afirmam: "esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a vontade de Deus, ele nos ouvirá. E se sabemos que ele nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que temos o que dele pedimos" (1 João 5:14-15).

O demônio não se cansa de procurar ocasiões para tentar o seu paciente. Na décima carta, observa-se que no decorrer dos dias, as situações da vida o levam a se deparar com novas pessoas, criando um novo ciclo de amizades com aqueles que têm pensamentos diferentes sobre a fé. Maldonado vê isso como a ocasião perfeita para corroer o que foi construído, chegando até a comemorar: "são maravilhosas as notícias trazidas por Viltrapaça, que o seu paciente fez amizades novas e muito desejáveis, e que você parece ter se aproveitado desse acontecimento de maneira realmente promissora" (Lewis, 2017, p. 39).

Na sequência, o número de amigos crescer, aumentando novas possibilidades, o que mais uma vez é comemorado: “tudo está indo maravilhosamente bem. Em especial, fico contente de ouvir que os dois novos amigos o fizeram conhecer o resto do grupo” (Lewis, 2017, p. 42). O Maldonado estrategicamente trabalha na situação para tirar o foco de paciente, garantindo que “sem dúvida ele não demorará a perceber que a sua própria fé está em oposição direta aos pressupostos sobre os quais se baseia toda a conversados seus novos amigos” (Lewis, 2017, p. 42).

Nessa parte, Lewis expõe a ideia de que o cristão pode se sentir em conflito em relação à sua fé, crenças e valores quando se depara com amigos não cristãos. Essa situação se torna um desafio e tentação, podendo levá-lo a querer esconder em que acredita. A respeito dessa situação, percebe-se a intertextualidade implícita fazendo alusão a 2 Coríntios 6:14-15: “não se ponham em jugo desigual com descrentes. Pois o que têm em comum a justiça e a maldade? Ou que comunhão pode ter a luz com as trevas? Que harmonia há entre Cristo e Belial? Que há de comum entre o crente e o descrente?”.

Lewis explicita, em um teor teológico, que a fé cristã pode se encontrar em desacordo com os valores e crenças do mundo ao redor, destacando a importância de se manter firme na fé diante das pressões e influências externas. Para Lewis, a continuidade de uma amizade com descrentes pode levar a um retrocesso na crença, especialmente quando se considera que “mais cedo ou mais tarde, contudo, a natureza real de seus novos amigos deve se tornar clara para ele, e, então, suas táticas devem depender da inteligência de seu paciente” (Lewis, 2017, p. 42).

No planejamento de Maldonado, passado ao seu sobrinho, a tática é conduzir o paciente a uma vida dupla. Ele será forçado, pelas duas classes de pessoas com as quais mantém contato, a se adequar a elas quando se deparar com elas, devido à sua intenção de agradar a todos à sua volta. Sobre essa questão, Lewis expressa por meio da personagem Maldonado:

Ele não apenas parecerá ser, mas realmente será, um homem diferente em cada um dos círculos que frequentar. Se isso falhar, há um método mais sutil e divertido. Você pode fazer com que ele tenha verdadeiro prazer ao perceber que existem dois lados de sua vida que são incompatíveis [...] acho que você está entendendo o que quero dizer — os amigos mundanos o tocam de um lado e o dono da mercearia, de outro; e ele é o homem completo, equilibrado e complexo que consegue perscrutar todos (Lewis, 2017, p. 42).

Percebe-se que o escritor não se esquivou de deixar evidente que a dualidade entre o secular e o espiritual não pode coexistir harmoniosamente, pois isso

pode levar a uma vida hipócrita. A ideia proposta é que não há como equilibrar essa dualidade. Quanto às consequências, Maldonado afirma ao sobrinho: “nós sabemos que o fizemos mudar de rumo, uma vez que você já o está levando para longe da órbita do Inimigo; mas ele deve ser levado a imaginar que todas as escolhas que provocaram essa mudança são triviais e revogáveis” (Lewis, 2017, p. 45).

Maldonado, por meio de Vermelindo, estrategicamente visou acabar com a vida espiritual do paciente, afastando-o da realidade transcendente ou da vivência conforme a doutrina cristã. O afastamento da obediência é denunciado por meio do procedimento, manifestando a quem pertence uma determinada alma. A conduta cristã não se baseia no que é dito, mas no que é praticado. A Bíblia é enfática no tocante a essa divisão:

Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens — não provém do Pai, mas do mundo. O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre (1 João 2:15-17).

A vida dividida do paciente não o fez prosperar, exigindo uma tomada de decisão, que o levou se aproximar novamente da fé, entregando-se por completo à nova decisão que fizera. O que lamentou Maldonado, que expressou sua frustração: “como você deixou o seu paciente escapar por entre os dedos” (Lewis, 2017, p. 48). Na décima terceira carta, houve o lamento pela perda de controle sobre o paciente, que agora se voltou integralmente para a sua fé, fortalecendo-se contra as tentações e armadilhas que antes o afastavam da verdadeira vivência cristã.

Um arrependimento e uma renovação envolvidos naquilo que o outro lado chama de “graça”, na escala que você descreve, é uma derrota de primeira ordem. Isso equivaleria a uma segunda conversão — e provavelmente em um nível ainda mais profundo do que a primeira (Lewis, 2017, p. 48).

O verdadeiro arrependimento do paciente o conduziu a uma renovação de expectativa quanto a sua vida, representando uma grande derrota para o demônio que estava a tramar sua destruição como cristão, face que a sua segunda conversão foi mais profunda do que a primeira. Surge a evidência que a graça e seu arrependimento autêntico pode reestabelecer uma espiritualidade significativa:

Porque vocês são salvos pela graça, por meio da fé — e isso não vem de vocês, é dom de Deus — não por obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que andássemos nelas (Efésios 2:8-10).

Na décima quarta carta, é observável o arrependimento genuíno que o levou a viver em novidade de vida e que lhe possibilitou “resoluções confiantes que marcaram sua conversão original” (Lewis, 2017, p. 51). O paciente foi renovado para viver uma vida tranquila na caminhada cristã, embora as lutas não tenham fim durante a trajetória terrena. Na carta vigésima primeira, Maldonado junto ao seu sobrinho, Vermelindo, o tenta para desviar pela atração do pecado sexual, convictos que “um período de tentação sexual é uma excelente hora para preparar um ataque secundário à irritabilidade do seu paciente (Lewis, 2017, p. 72).

No entanto o paciente não estava fora dos olhos do inimigo de Maldonado, por isso lamentou “com grande insatisfação que o Inimigo, pelo menos por enquanto, pôs um fim forçado aos seus ataques diretos contra a castidade de seu paciente” (Lewis, 2017, p. 72). No entanto o paciente está lhe dando com outro desafio, que desestabiliza o emocional, a guerra que entre os humanos europeus (Lewis, 2017, p. 24), sobre a qual é descrita desde da quinta carta.

Por meio da guerra o intuito de Maldonado é direcionar o seu sobrinho ao tentar o paciente, fazendo um pedido que “na próxima carta, quero que você me preste, sem falta, um relatório completo das reações do paciente à guerra, de modo que possamos analisar se estaremos mais propensos a torná-lo um patriota extremo ou um pacifista militante” (Lewis, 2017, p. 24).

Porém a guerra em si não é vantajosa para o Maldonado, para ele, as “pessoas são mortas em lugares onde sabiam que poderiam morrer e para os quais vão preparadas, se já estiverem, de alguma forma, do lado do Inimigo [...] nos tempos de guerra, nem mesmo um ser humano consegue acreditar que viverá para sempre” (Lewis, 2017, p. 25, 26). Isso leva as pessoas estarem preparadas para morrer, sendo que é negativo para Maldonado. Lewis mais uma vez faz uso da intertextualidade implícita, por meio da referência em relação a morte descrita por Jesus Cristo:

Digo a vocês, meus amigos: Não tenham medo dos que matam o corpo e depois nada mais podem fazer. Mas eu lhes mostrarei a quem vocês devem temer: Temam aquele que, depois de matar o corpo, tem poder para lançar no inferno. Sim, eu lhes digo, desse tenham medo (Lucas, 12.4,5).

Esse versículo dá ênfase a certeza da morte física, mostrando que o mais importante é estar preparado espiritualmente para vida eterna. A mensagem de Lewis nos instrui está com a fé fixa em Deus, que nos oferece a verdadeira segurança. Por isso o Maldonado não vê vantagem na guerra, antes para ele afirma que “seria tão

melhor para nós se todos os seres humanos morressem em hospitais caros cercados por médicos que mentem[...]" (Lewis, 2017, p. 25), isso por conta que muitas vezes não iriam recorrerem a quem ele menos quer que os pacientes recorram, o seu inimigo.

Na carta trigésima primeira, em meio a guerra, a história do paciente tem um ponto final na vida terrena, junto ao lamento de Maldonado por conta que Vermelindo "deixou uma alma escapar entre os seus dedos" (Lewis, 2017, p. 104). Lewis remete por meio da intertextualidade implícita à nova vida, fazendo alusão ao momento que o paciente passou da morte para vida eterna (João 5.24). Deixando no passado todo sofrimento e chegou no paraíso de gozo eterno (Lucas 23.43).

Maldonado descreve que "foi como se uma venda tivesse lhe caído dos olhos, como se ele tivesse se livrado de uma lepra horrível, como se tivesse se livrado para sempre de trapos esfarrapados, molhados e pegajosos" (Lewis, 2017, p. 104). Esta imagem é enfatizada em Romanos (8:18): "considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada".

Além disso, é reforçada em Apocalipse (21:4): "Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas". Observa-se que Lewis faz uso da intertextualidade implícita para fazer alusões a essas passagens bíblicas, exigindo do leitor um conhecimento prévio dos textos bíblicos para que aconteça o entendimento da sua obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intertextualidade bíblica na obra *Cartas de um diabo ao seu aprendiz* é uma temática ainda escassa no meio acadêmico, por isso a falta de semelhança de trabalho para fazer uma discussão comparativa é insuficiente, havendo a necessidade do estudo de outras obras de C. S. Lewis, como a coletânea *As Crônicas de Nárnia*, possibilitando o embasamento teórico quanto ao intertexto nas obras do escritor.

Percebe-se que as obras de Lewis têm algo em comum, em todas é evidente a construção de novos mundos, como por exemplo, *As Crônicas de Nárnia*, que ao fazer uma análise mostra traços semelhante entre os personagens da obra e bíblicos, a mesmo acontece na obra *Cartas de um diabo ao seu aprendiz*, em que dois demônios trocam cartas de correspondência para tentar um homem, semelhante as descrições bíblicas que adverte sobre a tentação do diabo em relação ao homem.

A investigação sobre as obras de Lewis é enriquecida pela intertextualidade, que amplia tanto a compreensão de sua mensagem quanto a profundidade de sua experiência literária. No entanto, é importante observar que essa compreensão somente é possível com conhecimento prévio da obra a qual faz referência, no caso a Bíblia. Um leitor que não tem um devido conhecimento não fará nenhuma associação, prejudicando a intensão do autor.

Porém, para o leitor que tem afinidade com a escritura sagrada cristã, a intertextualidade contribui para criar camadas de significados, despertando o leitor quanto a percepção dos temas tratados, o que o leva a admirar com mais singularidade, visto que entende sobre o que está sendo falado, mudando somente o contexto da manifestação da fala.

Tocante a essa obra, no prisma da intertextualidade, precisa de uma visão bastante aguçada na maneira vai abordar as trinta e uma cartas, pois as cartas não seguem o roteiro lógico, como por exemplo uma história contada, elas vêm à tona durante a leitura muitas vezes fora do contexto da anterior, o que surge a necessidade de abordar temas fazendo um apanhado geral de cada carta, o que pode causar dificuldade. Por outro lado, ao tratar uma de cada vez pode causar uma repetição abusiva.

Na obra de Lewis, *Cartas de um diabo ao seu aprendiz*, há muitas questões a serem investigadas, julga-se que uma carta da obra seria suficiente para fazer um trabalho de intertextualidade bíblica, ao serem identificadas as várias referências

presentes na obra e discutidas à luz dos versículos bíblicos as quais fazem alusões, construindo uma pesquisa profunda sobre temática individual percebível em uma determinada carta.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BARTHES, Roland. **Inédito**. Vol. 1. São Paulo: Martins Foulès, 2004.

BÍBLIA. **Bíblia Online YouVersion**. Traduzida por João Ferreira de Almeida.
Disponível em: <https://www.bible.com/pt/>.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

CAPITANI, Pedro; DENICOLO, Patricia; PRATI, David. **A intertextualidade bíblica e as alegorias religiosas presentes na obra literária de C.S. Lewis “O Sobrinho do Mago”**: um olhar sobre a criação de Nárnia. In: Congresso Internacional De Humanidades Do Centro Universitário Assis Gurgacz, 1., 2021. Anais. Diversidade e Formação de Professores. 3º Congresso Internacional de Educação. 03, 04 e 12 de novembro de 2021.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2006

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHRISTIN DITCHFIELD PUBLISHED, by Crossway Books a division of Good News Publishers 1300 Crescent Street Wheaton, Illinois 60187. **A Family Guide to Narnia**, Copyright © 2003.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

DUARTE, Grace Aparecida de Freitas Felix. **Uma leitura intertextual das Crônicas de Nárnia**: religiosidade e diálogos com a Bíblia Sagrada. 2015.

ENNY, Laurent et al. **A estratégia da forma**. Poétiques, Coimbra, n. 27, 1979. Ed. Intertextualidades.

FERREZ, Salma; MARIN, Jérri Roberto; LEOPOLDO, Raphael Novaresi (org.). **Sois como deuses**: textos de teologia & literatura. Dourados: Ed. UFGD, 2013. 251 p.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1982.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução de Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução de Cibele Braga et al. Belo Horizonte: Viva voz, 2010.

GONÇALVES, Sabrina Rosa. **O intertexto bíblico na literatura juvenil: as Crônicas de Nárnia**, De C. S. Lewis. Dissertação, PUCRGS, Porto Alegre, 2015.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L.C. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, I. V. **Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno?** Revista DELTA, Campinas, v. 7, n. 2, p. 529-543, 1991.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual** / Ingedore G. Villaça Koch 22. ed. – São Paulo : Contexto, 2010

KOCH, Ingedore. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Semianálise**. São Paulo: Debates, 1969.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semianálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semianálise**. Tradução de Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Semianálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LEWIS, C. S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. traduzido por Gabriele Gregersen. 1a ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MCGRATH, Alister. **A vida de C. S. Lewis** [livro eletrônico]: do ateísmo às terras de Nárnia / Alister McGrath; traduzido por Almiro Pisetta. — São Paulo: Mundo Cristão, 2013. 2 Mb ; ePUB. Título original: C. S. Lewis: A Life: Eccentric Genius, Reluctant Prophet.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teórica e crítica**. Capítulo 2- Conceitos Fundamentais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

Pocket Companion to Nárnia. Paul F. Ford. Harper One; Revised edition (July 26, 2005) ISBN-10: 0060791284 ISBN-13 : 978-0060791285.

ROCHA, Max Silva da; SILVA, Maria Margarete de Paiva. **Linguística textual e a construção do texto:** um estudo sobre os fatores de textualidade. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS. Feira de Santana, v. 18, n. 2, p. 26-44, maio-agosto 2017.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase e CIA.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1988.

SARRAFF, Maria Julia; TEIXEIRA, Rebecca dos Santos. **Análise da intertextualidade bíblica na obra As Crônicas de Nárnia:** O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa. 2021. 70p. Pato Branco, 2021.

SCUTARI, Pâmela Rodrigues. **Variedade Da Sátira:** Uma Análise De Cartas De Um Diabo A Seu Aprendiz, De C. S. Lewis. Pelotas. n. 38, set.-dez. 2020.

SILVA, Raissa Santana; ALMEIDA, Wemylla de Jesus. **O intertexto bíblico na literatura As Crônicas de Nárnia:** o leão, a feiticeira e o guarda-roupa. Religião, Linguagem e Confessionalidade, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 79-92, jan./jun. 2021.